

O COTIDIANO DOS ALUNOS E DA CLASSE DE EJA

CATYA RANGEL¹

CINTYA RANGEL²

FERNANDA FERREIRA³

Os jovens e adultos que se encontram a margem da educação, vêm na escola a chance de integrar-se à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas que não podem participar porque não dominam a leitura e a escrita. Nesse sentido, o principal desafio da EJA é construir uma escola na qual professores e alunos interajam de maneira a provocar e produzir conhecimentos. Em contrapartida, esses conhecimentos devem ser sustentados por saberes diversos e construídos levando em conta a realidade social e cultural desses alunos, para que de fato, obtenham sucesso na aprendizagem. Os jovens e adultos como cidadãos e trabalhadores querem, sobretudo, sentir-se sujeitos ativos, participativos na sociedade. O caderno de Orientações Pedagógicas para as classes de EJA, criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2001, intitulado "Trabalhando com Educação de Jovens e Adultos: Alunos e Alunas de EJA" ressalta que,

O papel do(a) professor(a) de EJA é determinante para evitar situações de novo fracasso escolar. Um caminho seguro para diminuir esses sentimentos de insegurança é valorizar os saberes que os alunos e alunas trazem para a sala de aula. O reconhecimento da existência de uma sabedoria no sujeito, proveniente de sua experiência de vida, de sua bagagem cultural, de suas habilidades profissionais, certamente, contribui para que ele resgate uma auto-imagem positiva, ampliando sua auto-estima e fortalecendo sua autoconfiança (BRASIL, 2001, p. 18-19).

Os conceitos e práticas vigentes relativos à Educação de Jovens e Adultos (EJA) precisam ser revistos urgentemente. A EJA deve ser entendida como modalidade de educação básica e como um direito de cidadania. Nesse contexto, o educador precisa adotar uma relação de igualdade de pessoa perante o aluno, favorecer o diálogo e propiciar uma nova visão do mundo, problematizar a realidade em que se encontra inserido e levá-lo a refletir sobre os conhecimentos adquiridos.

Na história da EJA no Brasil, três períodos se destacam quando se fala na ampliação dessa modalidade de ensino no país. Nas décadas de 40 e 50 surgem as grandes Campanhas Nacionais de Massa que tinham o objetivo de exterminar o analfabetismo, porém devido a deficiências internas logo foram extintas. Na década de 60, o pensamento de Paulo Freire é difundido por todo o país, partindo da sua proposta de alfabetização, surge o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, que foi extinto pelo Golpe de Estado de 1964.

Muitos outros movimentos populares de alfabetização foram originados das idéias de Paulo Freire, como por exemplo, os movimentos populares de cultura (MCP), os centros de cultura popular do movimento estudantil (CPC) e o Movimento de Educação de Base da Igreja Católica (MEB). Por volta de 1967, o governo lança o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Desse movimento surgem novas idéias e regulamentações quanto à Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com Proposta Curricular criada para as classes de EJA, pelo MEC (2001, p, 33),

Ainda há poucos estudos nessa direção aplicados ao ensino de jovens e adultos. Ainda assim, abordagens teóricas que enfatizam o papel do ensino sistemático no desenvolvimento do pensamento desenham novas pistas para integrar de forma mais dinâmica a "leitura do mundo" e a "leitura da palavra" na educação crítica e criativa que os educadores de jovens e adultos desejam realizar.

VISITA A UMA CLASSE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Visitamos uma turma da 4ª série da EJA, numa escola pertencente à Rede Municipal de Vitória, e constatamos que a escola visitada é muito bem estruturada, as salas de aula são amplas, ventiladas e bem organizadas. Possui uma quadra poliesportiva, laboratório de informática, refeitório e cantina.

Na turma estão matriculados 25 alunos, sendo que 05 apresentam necessidades educativas especiais, 01 com deficiência mental e 04 com deficiência auditiva. Na sala predomina o sexo feminino e a faixa etária varia de 20 a 70 anos.

A clientela é constituída por moradores da região, mas a maioria reside em bairros vizinhos. Muitos alunos já são aposentados, mas a maioria ainda trabalha. As profissões são variadas, há domésticas, pedreiros, vendedores e caixas de supermercado.

A professora R.C. nos recebeu muito bem, foi simpática e se dispôs a responder a todas as nossas perguntas. Também permitiu que conversássemos com os alunos e que acompanhássemos algumas aulas. R.C. é graduada em Pedagogia e possui Pós-graduação em Planejamento Educacional. e sempre participa da formação continuada oferecida pela Prefeitura Municipal de Vitória.

De acordo com a Proposta Curricular para o 1º Segmento do MEC (2001, p. 48), para que se consiga atender satisfatoriamente às necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos, “[...] o educador terá de buscar conhecer cada vez melhor os conteúdos a serem ensinados, atualizando-se constantemente. Como todo educador, deverá também refletir permanentemente sobre sua prática, buscando os meios de aperfeiçoá-la”.

SOBRE AS OBSERVAÇÕES REALIZADAS

Os dados foram obtidos por meio da observação de algumas aulas, atividades desenvolvidas pelos alunos e entrevistas realizadas com a professora e com os alunos. Para Szymanski, (2002, p. 27), “[...] a preparação de uma entrevista é um processo cuidadoso, e esses períodos iniciais não devem ser considerados como ‘perda de tempo’, pois eles propiciam informações importantes [...]”. Com base nessas informações falaremos um pouco sobre o que foi observado.

Na primeira visita à classe de Educação de Jovens e Adultos, os alunos estavam fazendo atividades sobre cálculos matemáticos e números sucessores/antecessores. A professora mostrou algumas atividades produzidas pelos alunos. Obteve destaque, uma atividade em que os alunos produziram um texto sobre sua história de vida e suas expectativas para o futuro. Nesses textos pudemos observar que a maioria teve uma vida de muitas dificuldades, mas, todos disseram que a educação é fundamental para crescer na vida e é uma necessidade básica.

MÉTODOS UTILIZADOS PELA PROFESSORA

A professora disse que não trabalha com um único método de alfabetização, pois cada aluno possui características e níveis de aprendizagem. Diferentes. Relatou que sempre ao iniciar o período letivo, procura fazer uma avaliação diagnóstica da turma para verificar o nível de aprendizagem dos alunos e qual a método mais adequado a ser trabalhado. Segundo R.C. essa análise é feita por meio de pequenos parágrafos, frases ou textos que os alunos escrevem, com a escrita do nome e sobre a sua história de vida. Assim, ela observa se o aluno sabe escrever e se já conhece as letras do alfabeto.

Com base no Método Paulo Freire, Brandão (1994, p. 26), afirma que “[...] O vivido e o pensado que existem vivos na fala de todos, todo ele é importante: palavras, frases, ditos, provérbios modos peculiares de *dizer*, de *versejar* ou de *cantar o mundo e traduzir a vida*”.

Por esse fato, a professora procura conhecer a história de vida dos jovens e adultos e define a melhor estratégia a ser adotada no processo de ensino. As atividades são desenvolvidas de acordo com a realidade social e cultural da turma.

Os alunos estão nos mais variados níveis de aprendizagem, alguns nunca tiveram acesso à linguagem escrita, outros apenas conhecem as letras do alfabeto, uns sabem copiar, mas não conseguem ler. Muitos alunos abandonaram a escola ainda criança por vários motivos.

Perguntamos à professora se ela conhecia o Método Paulo Freire e as palavras geradoras. Ela disse que as palavras geradoras são derivadas dos debates realizados em sala de aula.

Conforme Brandão (1994, p. 27),

A partir do levantamento das “palavras” a pesquisa descobre as pistas de um mundo imediato, configurado pelo repertório dos símbolos através dos quais os educandos passam para as etapas seguintes do aprendizado coletivo e solidário de uma dupla leitura: a da realidade social que se vive e a da palavra escrita que a retraduz.

Os temas geradores, de acordo com Brandão (1994), são oriundos da fala, das situações significativas do cotidiano dos alunos. Dessa forma, nas experiências mais simples e corriqueiras do trabalho ou lazer, o aprender se torna parte importante. O domínio da leitura, da escrita e do cálculo matemático pode ser alcançado mais facilmente e de modo prazeroso por meio do uso das palavras e temas geradores.

A professora disse que algumas aulas são realizadas no laboratório de informática, com o objetivo de dar oportunidade a esses alunos de ter acesso ao mundo digital e à internet.

R.C. afirmou que todos os alunos participam ativamente das aulas, no entanto, alguns sempre falam mais que os outros. As aulas são descontraídas e alegres, a professora incentiva à interação, pede que exponham suas perguntas e as suas dificuldades.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A professora relatou que a sua relação com os alunos é muito tranqüila, de muito respeito e amizade. Os alunos sempre chegam felizes e fazem questão de freqüentar as aulas. R. também é confidente e conselheira. Porém, quando a desordem impera na sala, a professora não se importa em impor a sua autoridade. R. disse que não demonstra superioridade perante os alunos, deixa claro que está pronta para ensinar e aprender junto com eles, “[...] por que todos estão à volta de uma equipe de trabalho que não tem um professor ou alfabetizador, mas um companheiro alfabetizado [...]” (BRANDÃO, 1994, p. 43).

Em alguns momentos da aula, a professora conversa sobre diversos problemas da vida familiar quanto do profissional, também ouve comentários da vivência cotidiana de cada um e ainda discute sobre temas sobre política, economia, saúde e desemprego. Também os aconselha a procurar tratamento médico e a buscar os seus direitos de cidadãos.

Quanto ao planejamento das aulas, a professora relatou que faz sem a ajuda da pedagoga. Anteriormente, o planejamento era acompanhado pela equipe pedagógica, mais devido à troca de profissionais do cargo, ela não conta mais com esse auxílio.

As mulheres da sala costumam levar os filhos para a escola, pois muitas não têm com quem deixá-los. As crianças ficam sentadas fazendo a tarefa passada para casa ou lendo revistas em quadrinhos que a professora oferece.

Com relação aos alunos com Necessidades Educativas Especiais, a professora disse que tenta incluí-los no processo de aprendizagem, apesar de não contar com nenhum auxiliar em sala, consegue dar a atenção necessária, pois turma é pequena e tranqüila. A maioria das atividades para esses alunos são desenvolvidas por ela própria, raramente recorre à professora de Educação Especial.

AS PERSPECTIVAS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO À EJA

É bastante comum nas classes de EJA, especialmente na cidade, a diversidade de origens. Muitas pessoas migram de sua cidade de origem buscando melhores condições de vida e, sobretudo, oportunidades de trabalho, moradia e estudo.

As salas de EJA são marcadas pela riqueza da cultura brasileira, tão vasta e diversificada. Os modos de falar, de gesticular, a culinária, os traços físicos, as preferências musicais retratam cada região de maneira muito peculiar.

Conforme relato em entrevista, Maria, proveniente de Minas Gerais, gosta de músicas românticas, já Dalva afirmou adorar músicas do gênero sertanejo, dizendo "sou fã do Leonardo, ele é muito lindo!". Como pudemos observar cada lugar possui uma característica cultural única. Sendo assim a bagagem que cada aluno traz consigo do seu lugar de origem é extremamente rica e pode ser a base para a construção de conhecimento.

A maioria dos alunos relatou que parou de estudar na infância para ajudar a família. A aluna D. de 38 anos disse que morava no interior da Bahia, em Teixeira de Freitas. Parou de estudar aos 15 anos, pois segundo a aluna, na escola onde estudava só tinha até a quarta série do Ensino Fundamental e a cidade mais próxima ficava a quilômetros de distância. Contudo, quando perguntamos por que voltou a estudar ela disse: "Hoje em dia faz falta o estudo".

Para o jovem ou adulto estudar é um grande desafio. Os alunos da EJA buscam na escola uma forma de integrar-se à sociedade letrada. O grande desejo desses educandos é participar, ser sujeito ativo na comunidade em que vive, e exercer o direito de cidadão com dignidade. O domínio da leitura e da escrita são recursos que possibilitam uma nova visão do mundo.

A escola, para muitos alunos da EJA se constitui no único momento de lazer e de convívio social. Como a maioria trabalha, as conversas e bate-papos, são formas de estender o leque de amizade.

Segundo consta no caderno de Orientações Pedagógicas do MEC (2006, p.24), "é comum que os professores proponham trabalhos em grupo. Independente do conteúdo que esteja em jogo. O(a) professor(a) pode olhar esse tipo de dinâmica como mais um espaço de sociabilidade, de interação social entre os alunos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das observações que desenvolvemos, podemos afirmar que sobre o cotidiano do aluno e da classe de EJA, faz-se vital destacar que o professor precisa estar atento às necessidades de aprendizagem dos mesmos e buscar conhecer a sua origem, seus hábitos, sua realidade social e cultural. No entanto, o educador deve partir do currículo proposto pela instituição escolar para trilhar novos caminhos no processo de ensino.

O professor da Educação de Jovens e adultos precisa sempre motivar os seus alunos, considerando que a maioria chega à sala de aula cansado e desestimulado pelas atribuições do trabalho e dos problemas familiares. Nesse sentido, as aprendizagens devem ser contextualizadas à realidade do seu cotidiano de maneira que tornem-se significativas e prazerosas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos.** Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Trabalhando com educação de jovens e adultos:** alunos e alunas de EJA. Brasília: MEC/SEF, 2001.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANELLI, Maria A.; GOMES, Nilma L. (orgs.) **Diálogos na educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SZYMANSKI, H (org.). **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

-
- 1 - CATYA RANGEL catyarangel@hotmail.com
 - 2 - CINTYA RANGEL cintyarangel@hotmail.com
 - 3 - FERNANDA FERREIRA fernandafbraga@ig.com.br

Alunas do Curso de Pedagogia da FAESA, Vitória, ES, em cumprimento às atividades da disciplina EJA: Pesquisa e Práticas Pedagógicas, sob orientação do professor ADALVO DA PAIXÃO ANTONIO COSTA, adalvocosta@terra.com.br